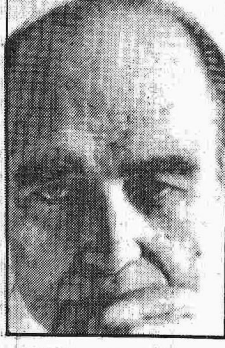


Delírio do status fere obra de mestre

Num intervalo de 20 anos, o arquiteto Oscar Niemeyer recebeu todos os prêmios de honra que um ser humano pode receber da ciência; exceto o Nobel. No final dos anos 60 recebeu o maior da União Soviética, que é o Lenin; há menos de dois meses foi laureado



Oscar Niemeyer

com o Príncipe de Astúrias, o grande prêmio da intelectualidade espanhola. Agora, a universidade de Brasília, cuja história se liga em alma e intelecto ao gênio Niemeyer, se prepara para homenageá-lo com o título de doutor *honoris causa*, defendido pelo arquiteto Cláudio Queiroz, que dirigiu seu escritório na Argélia durante 10 anos e hoje é professor do curso de Arquitetura da UnB. Antes tarde do que nunca.

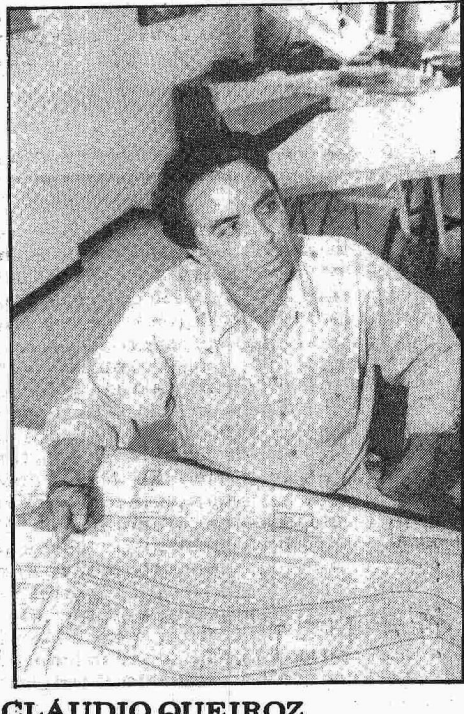
Embora premiado e homenageado em incontáveis partes do mundo, causa surpresa, segundo análise do crítico de arte e professor de Gênova, Florença, Leonello Puppi, o substancial alheamento, a superficialidade e a insuficiência da historiografia e de crítica em relação a Niemeyer, a despeito de reconfortantes e sólidas exceções — aí incluídas a dele próprio. Puppi considera este comportamento da crítica, ante a importância do tema, “uma autêntica e ofensiva lacuna”, e considera que o reconhecimento de Brasília rompe com o alheamento internacional do Terceiro Mundo, não sem antes defender apaixonadamente que “estamos convencidos de que tanto preconceito e rigor obstinado e simplista escondem às vezes o oportunismo às sujeições e cumplicidades que frequentemente poluem o correto exercício da crítica da arquitetura”. Ante a reflexão da “peculiaridade de modo incômodo e desconcertante de fazer arquitetura de Niemeyer”, Puppi conclui que, “está vinculado à rejeição, o fato de Niemeyer ser convictamente um homem de Terceiro Mundo, pertencente, portanto, a uma dimensão que a arrogância do Ocidente, talvez sem explícita consciência, tende a considerar mergulhada num exotismo sem passado”.

Estas recentes ponderações do crítico italiano no livro *A arquitetura de Oscar Niemeyer*, editora Revam 1988, encontram eco, a grosso e prático modo, no próprio alheamento dos habitantes de Brasília, à compreensão daquilo que é o tema arquitetônico mais corriqueiro: os blocos residenciais, a partir das transformações que vêm sofrendo.

Padrões de Unidade — Oscar Niemeyer disse ao arquiteto Cláudio Queiroz que na época da construção de Brasília, os edifícios construídos sob sua orientação obedeciam a um padrão de unidade que se baseava na leveza da arquitetura daquele momento. Queiroz acrescenta que os padrões iniciais de Brasília continham os princípios da cultura: a alegria do barroco está nas formas concebidas por Niemeyer. Nas novas construções hoje, segundo ele, percebe-se que o sentido da valorização está nos símbolos da aparência que, por sua vez, estão ligados aos modismos internacionais. “E arquitetura não é moda nem estilismo. É soma de cultura e tecnologia no sentido de suprir necessidade sociais”, explica o professor da UnB.

A essencialidade dos prédios antigos está agora subjugada às preocupações das pessoas em enfeitá-la, desconsiderando-se a conservação e manutenção de sua estrutura em si. A postura, segundo Queiroz, devia ser de manutenção do bom funcionamento de instalações, tubulações, elevadores e outras partes básicas, e até na preservação cultural da arquitetura do edifício.

Tomados, no entanto, pelo delírio do status que se espelha em adornos como mármore, lambris, vidros temperados etc, está-se desfigurando a plástica original sutil da cidade e se ignorando, à moda internacional, o esforço autêntico de fazer história. Puppi alerta: “O caso, infeliz, de Gaudi, *mutates, mutandes, ensina*”..



CLAUDIO QUEIROZ

“Maquiagem torna o prédio falso”